

## LIVRO I | A MALDIÇÃO

CAPÍTULO I   Até ao Fim do Mundo .....	13
CAPÍTULO II   A História de Armando Camões .....	19
CAPÍTULO III   Onde Judas perdeu as Botas .....	23
CAPÍTULO IV   Vai chatear o Camões.....	27
CAPÍTULO V   Os Primeiros Anos de um outro Camões.....	33
CAPÍTULO VI   Os Primeiros Anos de Luís de Camões.....	39
CAPÍTULO VII   Uma Toca para Alice.....	45
CAPÍTULO VIII   Dois Camões.....	49
CAPÍTULO IX   O Templo da Maldição .....	55
CAPÍTULO X   As Musas.....	61
CAPÍTULO XI   Um Pouco de Loucura.....	67
CAPÍTULO XII   O Boémio Luís de Camões .....	73
CAPÍTULO XIII   Bárbara (não a do Luís).....	79
CAPÍTULO XIV   O Término.....	85
CAPÍTULO XV   O Professor de Camões.....	91
CAPÍTULO XVI   O Duelo .....	97
CAPÍTULO XVII   Catarina .....	103
CAPÍTULO XVIII   Apolo e Eros.....	107
CAPÍTULO XIX   Renascimento.....	113
CAPÍTULO XX   Promessas .....	117
CAPÍTULO XXI   Os Infernos.....	121
CAPÍTULO XXII   Jacinto .....	125
CAPÍTULO XXIII   Tânato .....	129
CAPÍTULO XXIV   O Exílio de Luís de Camões .....	135

## LIVRO II | ETERNIDADE

CAPÍTULO XXV   No Palácio da Morte.....	141
CAPÍTULO XXVI   O Reencontro .....	147
CAPÍTULO XXVII   Sísifo .....	153
CAPÍTULO XXVIII   Vidas .....	159
CAPÍTULO XXIX   Lutar até ao Fim .....	163
CAPÍTULO XXX   Uma Morte nunca vem Só .....	169
CAPÍTULO XXXI   Epítáfios.....	173
CAPÍTULO XXXII   Sempre Tânato .....	177

## CAPÍTULO I | Até ao Fim do Mundo

**N**uma efémera tarde de verão, cheia de luz e calor, o jovem Armando satisfez o seu desejo proibido. Com a audácia de um antigo herói grego, teve a inocente Inês Martins, a mulher que ele via apenas uma ou duas vezes por ano. Sem medo de usar as palavras de um rei morto, as palavras que o rei D. Pedro ordenara inscrever no seu túmulo para demonstrar o amor pela mulher que foi rainha apenas depois de morta, Armando Camões tomou a sensual e inocente Inês num palheiro. O Sol dominava o céu, quando ele a convenceu a segui-lo para os prazeres de um leito tão natural como aquele que é feito de ervas secas.

— Até ao fim do mundo... — e Armando pronunciou com solenidade as palavras do rei D. Pedro, como se fossem suas.

Armando tinha conduzido Inês para o interior do palheiro do pai da jovem que se deixara levar pela sedução das palavras. Estas tinham-na encantado como se fossem



mágicas. Sobre montes de palha, Inês foi de Armando e Armando conquistou a filha do Sr. Fernando, o fanático e supersticioso agricultor da aldeia. No palheiro do pai de Inês, Armando satisfez o seu desejo sem prever as consequências do ato.

— Até ao fim do mundo... — e o jovem Armando tinha a jovem Inês enquanto o pai dela lavrava a terra para não ter de aturar a mulher em casa.

O curto e prazeroso momento principiou a história de Afonso Camões neste mundo — a história de um outro Camões, que nasceria no dia 10 de junho de 1980, exatamente 400 anos depois de o poeta Luís de Camões ter morrido. Nessa data, o destino do novo Camões cruzar-se-ia com o do grande poeta do século XVI e a futura tragédia de Afonso ficaria subtilmente ligada à do poeta que escrevera *Os Lusíadas*, pois os fios das duas vidas entrelaçar-se-iam por malvadez daquelas três mulheres gregas que regem a vida de cada ser humano.

Dessa malvadez, mais tarde, Afonso Camões extrairia a maldição por ele próprio provocada. Essa maldição, como milícia sedenta de julgamento e sangue, toldaria a sua existência sustentada por sede de felicidade... Como pôde Afonso se apropriar dos corpos das mulheres desejadas com versos que eram do grande poeta Luís de Camões?

Antes da tragédia, Afonso Camões nasceria sem ser desejado. Nasceria por causa da inconsciência dos pais; nasceria e enfrentaria o mundo para também ser poeta como o poeta que o amaldiçoaria. Tornar-se-ia um homem de mil e um versos por causa do seu espírito poético e não por ter nascido no seio de uma família que se julgava descendente



## CAPÍTULO IV | Vai chatear o Camões

O dia do casamento entre Armando e Inês foi marcado rapidamente. O carrancudo Fernando, o ofendido pai da jovem tomada por Armando no palheiro, tentou diluir o escândalo de a filha estar grávida e de ir prenha para uma cerimónia sagrada. Obviamente, as velhas da aldeia falavam do assunto sem qualquer pejo, rindo e ridicularizando o homem que era considerado o mais estúpido e arrogante da localidade.

«O velho julga-se esperto. Mas o Camões lá encontrou a agulha no seu palheiro».

Os murmurios e a maledicência são banalidade nas terras pequenas. Sem se saber como, espalhou-se o boato de que Armando tinha engravidado Inês no palheiro do pai dela. Provavelmente, tudo tinha começado como especulação. Todavia, o especulativo boato era verdadeiro.

«Agora, o burro velho vai deixar de apanhar fardos de palha para não dar cama a qualquer um».



O gozo generalizou-se e Fernando começou a ver es-cárnio no rosto dos que passavam por ele e o cumprimen-tavam com um riso atrevido. Por isso, certo dia, acabou por ir para a taberna da aldeia e beber mais do que devia. A bebedeira fê-lo proferir mil e um impropérios com outros bêbedos. Na taberna, riram-se da sua «desgraça» e manda-ram-no ir confessar-se ao padre, pois sabiam que ele era feito de hipócrita beatice.

— Ó Fernando, vai ter com o padre e pede a bênção!

— Cala-te... Não sabes o que dizes... — falava com um discurso trôpego, pois o álcool já dominava a linguagem e os gestos.

Outro bêbedo da taberna dizia:

— Ou vai à Tia das Rezas, que ainda te faz mais do que deve — Tia das Rezas era o nome dado à bruxa da aldeia, que fazia mesinhas para tudo e mais alguma coisa.

As insinuações ordinárias deixaram Fernando furioso. Mais ira o envolveu por ser incapaz de se virar contra aqueles que se riam dele descaradamente. Cambaleando, saiu da taberna e foi para casa compensar a frustração. A mulher Hortênsia acabou por levar mais uma surra, continuando a vestir o uniforme de tola, pois no dia seguinte, apesar das evidentes nódoas negras, desculpava o marido. Essa tolerânci-a fazia com que, na aldeia, as mesmas velhas que comenta-vam a gravidez de Inês não a chamassem de Hortênsia, mas de Otária.

O futuro sogro de Armando queria que o casamento da sua santa filha pudesse decorrer com normalidade, como se nada tivesse acontecido. Para isso, consultou a Tia das Re-zas, que lhe deu umas «fórmulas mágicas». Mas o espírito

